



Director literario:

António Campar
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Eduardo Collaço
PAPUSSE

Aventuras de Pim, de Pam e de Pum



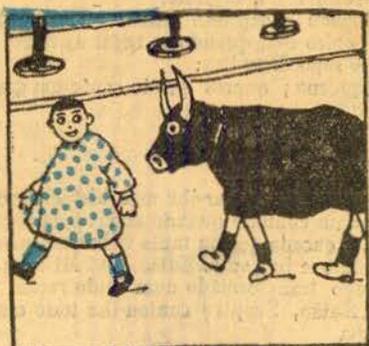
Recuerdo duma toirada,
O afcionado «Zé» Louro
Tem em casa, embalsamada,
Uma cabeça de touro.



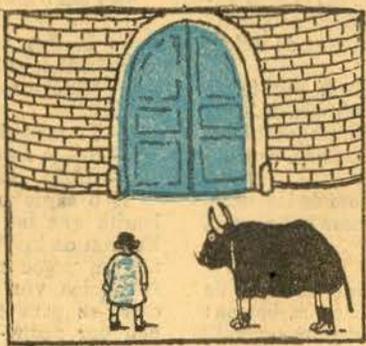
Pim, Pam e Pum, uma tarde
Vendo «Zé» Louro satir,
Combinam, ir sem alarde,
Roubar o touro e fugir!



Com metro e meio de couro,
Roubado num sapateiro,
Fazem a pele dum touro
Que é tal e qual verdadeiro.



Pam e Pam, num instantinho,
Tornam em patas os pés:
E eis já o touro a caminho
Da bela praça de Algés.



Ei-los agora aguardando
O terminar da corrida!
Abrem-se os grandes portões,
Começa, em fim, a saída.



À frente, vem o «Zé» Louro,
Seguido da multidão,
.....
Mas nisto aparece um touro...
Vaí tudo de escantilhão!

COLABORAÇÃO INFANTIL



O SAPO

POR MARIA do CARMO T. dos SANTOS
DESENHOS DE TIOTÓNIO

ERA uma vez um homem muito mau, que tinha um filho chamado Suspiro. Este pequeno tinha 15 anos e era órfão de mãe.

Certo dia, o pai de Suspiro teve precisão de sair, e disse-lhe:

— Ouve, patife: — Eu vou sair e volto já. Tu vês aquela caneca de leite, em cima daquela mesa, não é verdade? Se, quando eu voltar, faltar uma pinga que seja, tu verás o que te farei.

E aquele mau pai foi-se embora.

Suspiro mal se pilhou só, começou a saltar de alegria, por se ver livre pelo menos das iras do pai. Mas como naquele dia ainda não tivesse metido uma côdea de pão na boca, começou a sentir muita fome. Lembrou-se do leite e disse para consigo:

— E se eu bebesse um gólinho? O pai não dá pela falta? Se mais depressa o pensasse mais depressa o fazia.

Foi à caneca do leite, pegou nela para a levar aos lábios, mas foi tão desastrado que a deixou cair no chão. Então é que foram elas!

Chorou, chorou, mas de nada lhe valiam as lágrimas, porque o pai não era homem que se condoesse por alguma coisa deste mundo.

Veio o pai.

Vendo que o filho lhe tinha desobedecido, com voz de trovão, os punhos cerrados e o olhar em chamas, berrou:

— Com que então desobedeceste-me, não, miserável? Pois vou castigar-te. Desde já te transformo em sapo, e só há-de ficar desencantado quando te derem um beijo!

Quem é que iria beijar o pobre rapaz, na figura horrível de sapo, em que ficou transformado?

Saiu pela porta fóra, e foi para os canteiros do jardim, que ficava em frente da casa, comer bichinhos prejudiciais.

Ora naquela cidade toda a gente que visse um sapo tratava logo de o matar porque, diziam eles, era obra de bruxos. Mas nem toda a gente é má. Havia nessa terra uma menina chamada Açucena, tão linda, e tão boa, que se di-

zia, que em todas os arredores não havia outra como ela. Enquanto os outros destruíam os sapos, ela andava à procura deles para os levar para um jardimzinho que tinha feito lá no quintal da sua mamã.

Ora certo dia em que ela foi ao jardim e encontrou lá o Suspiro transformado em sapo, pegou nêlo, meteu-o numa cestinha e dispunha-se a levá-lo para casa.

— Onde me levas, Açucena? — ouviu ela dizer de dentro da cesta.

Ficou Açucena muito admirada de ter o sapo falado e julgando que fôsse algum milagre, respondeu-lhe:

— Para o meu jardimzinho, sapinho.

E lá o levou. Pousou o sapinho entre as flôres e deixou-o lá ficar. Ao outro dia, quando ia regar as flôres de manhãzinha, ouviu o sapo dizer-lhe:

— Bons dias, Açucena; queres que te conte um continho?

— Tu sabes histórias, sapinho?

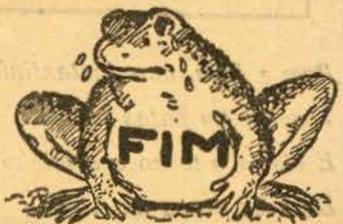
— Sei, e muito bonitas.

— Então, conta-me uma.

E o sapinho começou a contar-lhe uma história muito bonita que lhe tinham contado quando andava na escola. No fim da história, Açucena gostou tanto dela que, na sua alegria, pegou no sapo e beijou-o. Então, oh! Milagre!!! A menina viu o sapo transformado num lindo rapaz, e a sorrir-se para ela. Então, Suspiro contou-lhe tudo e acabou por pedir o sua mão, a qual lhe foi concedida.

Casaram, tiveram bebês, e viveram todos entre a maior felicidade.

O pai quando disso soube, ficou tão furioso, que deu um castigo e arreventou.



UMA HISTÓRIA VERDADEIRA

CONTO por MARIA T. da SILVA NUNES
DESENHOS de EDUARDO MALTA

ERA uma vez uma linda castelã de cabelos dourados e olhos negros, que vivia com seu pai, o Conde Tiza, um dos mais poderosos senhores da Hungria, no mais altaneiro castelo das redondezas.

Sava, se chamava a gentil menina, que rodeada pelas suas donas, passava os dias fiando e bordando, na sua torre de ogivas góticas, abertas para a interminável planície.

Numa tarde de primavera, quando a terra se cobre de flores, e o sol nos acaricia como um velho amigo, Sava passeando no terreiro do castelo, viu ao longe uma brilhante cavalgada seguida por numerosos peões.

O sol crepuscular arrancava reflexos às possantes armaduras e dourava as tremulantes bandeiras, nalgumas das quais se espartilhava o braço de armas do Conde Tiza.

Baixaram-se as pontes levadiças, e ao bélico som das trombetas prateadas, entrou no castelo a luzidíssima companhia.

Sava correu ao encontro do seu pai, sendo, então, apresentada ao soberbo cavaleiro que o acompanhava João Carvin, neto do famoso defensor da Hungria, e ele mesmo um dos mais bravos paladinos do tempo.

Os olhos negros de Sava abaixaram sob o relâmpaguear do mais ardente e apaixonado olhar que ela jamais cruzara.

Nessa noite, no salão-nobre do castelo, o velho Conde dizia à sua bem-amada filha que o cavaleiro João Carvin punha a seus pés, a sua espada e o seu coração.

Duma estatura gigantesca, cabelos negros e revoltos a emquadrar-lhe a fisionomia bela e leal, os olhos fulvos, coruscantes, o neto de Matias Carvin, era a personificação do Herói, — reunindo em si, tudo quanto poderia impressionar uma nobre donzela.

Sava olhou-o então demoradamente, e viu nêlo o paladino que lhe apparecera em sonhos, aureolado pela glória e pelo amor.

Nesse olhar cândido e confiante, João Carvin leu o que ambicionava e, ajoelhando, beijou a fimbria das raçagantes vestes da linda castelã, jurando pela sua espada, defendê-la como sua dama, e amá-la como sua esposa.

Alguns dias se passaram entregues ao mais lindo sonho de amor, que jamais floriu na romântica Hungria, mas os infieis em hordas furibundas assolavam o solo da cristandade, e a espada do cavaleiro João era precisa nos campos de batalha.

Pesarosos os dois noivos despediram-se, e Sava ficou triste e sombria na torre de menagem, até se perderem nas brumas do horizonte as hostes do seu Pai e de seu noivo.

Para enganar a solidão, Sava principiou a bordar o seu véu de noiva, e todas as manhãs, logo que as suas aias lhe corriam os cortinados, a castelã começava a trabalhar na

renda diáfana cobrindo-a de pedras lindas e preciosas. Passou o verão, começou o outono, e João não voltava entregue à lide de retalhar a carne maldita do infiel.

De quando em quando, um troveiro passava pelo castelo, e vinha cantar aos pés da castelã, as sublimes proezas do seu amado senhor.

Veio o inverno, envolto no seu níveo manto, e a terra ficou formosa, assim toucadinha de branco, como uma noiva. Sava, continuava o seu trabalho, e muita vez por entre as pérolas e rúbis, ficava uma lágrima cristalina dos seus olhos, já cansados de olharem a renda de neve, e a brancura do horizonte.

Numa manhã muito fria e muito triste, vieram as aias abrir os cortinados, mas Sava quedou-se sem pegar no seu véu.

— Senhora, não bordais? perguntou uma dama, admirada da imobilidade da castelã.

— Como queres que eu borde Rena, se inda não correste os cortinados e nada vejo? — seguiu-se um doloroso silêncio e as trevas continuaram; então, Sava compreendeu que a luz dos seus olhos morrera.

Lágrimas ardentes roxam pelas faces da pobre donzela, mas uma prece resignada trouxe-lhe aos lábios mimosos um sorriso de confiança e, de amor.

Terminára, emfim a luta, e João Carvin voltou para o castelo na louca carreira do seu corcel, seguido pelo Conde, e pelas hostes vencedoras.

Bela como um anjo, Sava esperava-o na barbacá abandonando-lhe a sua mão patriciã constelada de jóias.

De joelho em terra, o cavaleiro olhava-a embevecido, mas, pouco a pouco, uma palidez mortal cobriu-lhe o rosto, enquanto o Conde, já conhecedor do tremendo mal, beijava convulsivamente sua filha.

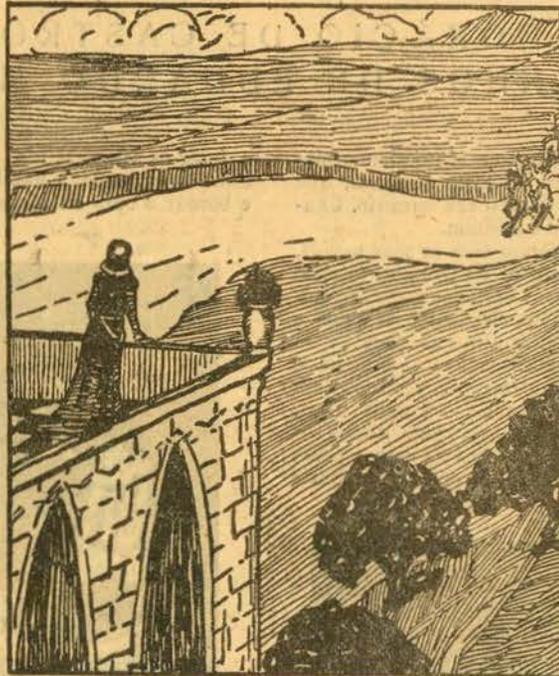
Sava, com doçura prostrou acalmar, o desespero de seu Pai e de João, e tais foram as angélicas palavras que ela soube dizer que os dois guerreiros resignado, ofereceram a Deus tão duro golpe.

Carvin suplicou-lhe que se reatizasse o casamento sem mais detença, mas Sava pediu para esperar algum tempo, pois talvez a mãe de Deus a curasse do seu mal.

Vieram novas guerras e a espada do cavaleiro João, abriu clareiras nas hostes inimigas.

Os seus feitos fizeram esquecer as proezas dos heróis da antiguidade, e mil honrarias vindas de imperadores e reis, cobriram o seu arnez, amolgado em cem batalhas.

Entretanto, uma manhã, quando as aias, segundo o costume, acordaram a castelã, Sava, numa voz calma, pediu o seu véu de noivado, e ante os olhares perplexos das suas donas recomeçou o bordado.



(Continua na página 7).



O VESTIDO de NOIVADO

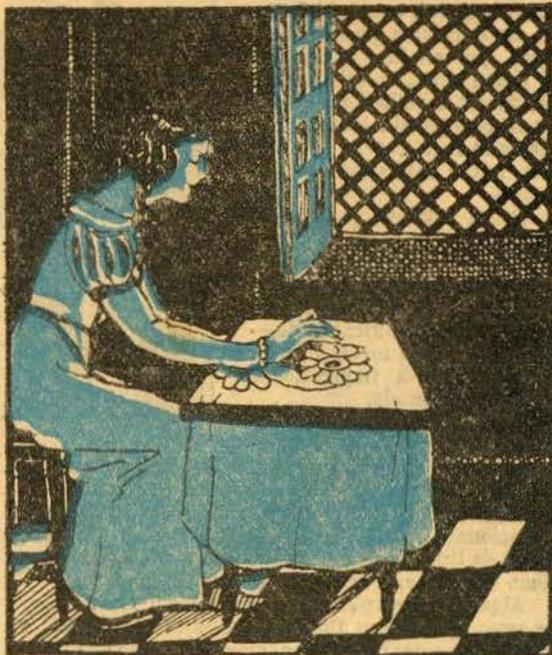
CONTO POR HORÁCIO DE CASTRO GUIMARÃES
DESENHOS DE EDUARDO MALTA

HÁ muitos anos, existiu em Lisboa um riquíssimo armador de navios, pai de três formosas meninas, que eram todo o seu amor e todo o seu encanto. Chamavam-se elas: — Marília, Márcia e Noémia.

Como o pai ganhava muito dinheiro com os seus navios, que em viagem à Índia e aos portos do Oriente, traziam importantes carregamentos das mais variadas riquezas, andavam sempre as três meninas luxuosamente vestidas e eram a inveja e a tentação de quantos olhos as viam...

Mas ao passo que as duas mais velhas, — Marília e Márcia — não pensavam senão em festas e vestidos, em passeios e reuniões elegantes, — Noémia — a mais nova, embora algumas vezes acompanhasse suas irmãs nestas diversões, interessava-se mais pelos arranjos da casa e pedia ao pai que lhe desse professoras para aprender a bordar e

a fazer os seus vestidos. O armador fazia-lhe a vontade e, dentro em pouco, a habilidosa menina já sabia a lhar, cose e bordar a ouro e a côres!



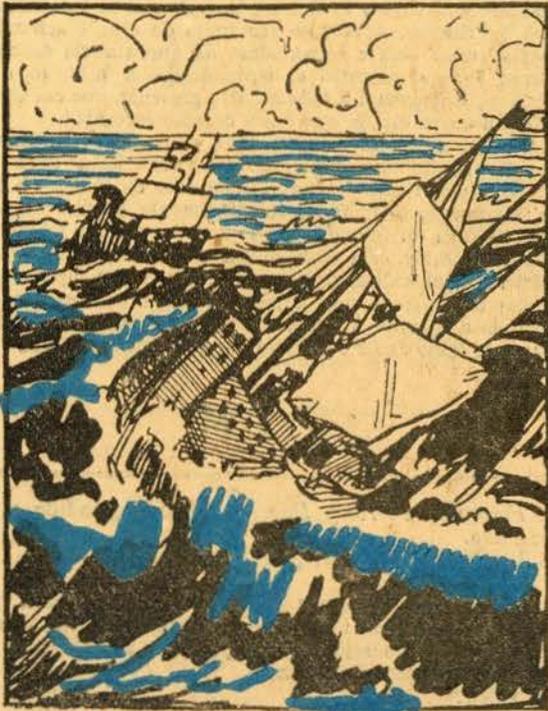
As duas irmãs riam-se e troçavam das preferências da mais nova, que, diziam elas, — «nunca poderia, dêsse modo vir a ser uma perfeita senhora de boa sociedade...».

Noémia, porém, deixava-as falar e como era muito bondosa, não discutia com as irmãs, entregando-se cada vez mais, de alma e coração, ao aperfeiçoamento dos seus trabalhos. E assim, enquanto que as mais velhas eram sempre as meninas preferidas da cidade, pela sua habilidosa ele-



gância em montar a cavalo, dançar e conversar com os rapazes, a mais nova, (embora fosse a mais bonita das três), quasi passava despercebida, no meio daquela brilhante sociedade, pela sua modéstia e simplicidade, no traje e nas maneiras...

Um dia, chegou duma viagem à Índia, carregado de belas e preciosas mercadorias, um dos navios do armador,



Logo este levou as filhas a bordo, para que cada uma escolhesse, para si, uma prenda de que mais gostasse. As mais velhas escolheram um lindo colar de pérolas, de muitas voltas e um diadema riquíssimo, de ouro e brilhantes; a mais nova, porém, apenas quiz um modesto corte de seda clara, para um vestido. E desde logo, com infinita paciência, começou a bordá-lo, a seu gosto, por suas próprias mãos. Dizia ela, que aquele seria o seu vestido de noivado ou se não arranjasse noivo e nunca se casasse, servir-lhe-ia um dia de mortalha... As irmãs riam-se e caçoavam de semelhante ideia, mas o que é certo, é que, passados meses, já os olhos das duas se arregalavam de espanto e de inveja, diante do maravilhoso bordado.

Noémia, punha naquele trabalho toda a sua arte e saber e a pouco e pouco, o simples tecido de seda se cobria duma enorme variedade de flores e arabescos, bordados a ouro e matizes de surpreendentes cores.

Era, realmente, um perfeito encanto aquele vestido que a boa menina, insatisfeita, aperfeiçoava de dia para dia. Nunca, até ali, se vira obra mais bela, tão prodigiosa e delicada, que mais parecia trabalhada por mãos finas de fada!

As outras irmãs enraivecidas e invejosas, diziam que semelhante vestido era um refinado disparate, pois que nem uma princesa se atreveria a vesti-lo, com vergonha de sair à rua em tão luxuoso traje, quanto mais uma pobre rapariga como Noémia, tão modesta e acanhada! Noémia escutava-lhes, em silêncio, os remoques, e continuava, incansável, a bordar, inventando sempre novos motivos, de maneira que parecia já não ter fim o vestido. Levou-lhe cinco anos a terminar, mas, ao fim, toda a gente que o via ficava como que fascinada e de olhos magoados, como se tivesse fitado o sol...

Neste espaço de tempo, começaram a correr mal os negócios do armador, de tal sorte, que rara era a semana que não lhe chegasse a notícia de que um dos seus navios se afundara, com todo o valioso recheio de mercadorias.

E assim, dentro em pouco, o infeliz mercador viu-se completamente pobre, lutando com a mais triste miséria! Teve que vender os seus palácios, quintas e jóias, para pagar dívidas e honrar o seu nome na trágica falência, de

forma que mal lhes chegava para comer e habitarem numa casa muito humilde, o pouco que sobrou...

Marília e Márcia, privadas da vida de luxo e esplendor de que até então gosavam, não faziam senão chorar e lamentar a sua desgraçada sorte; mas como nada de útil sabiam fazer, não podiam concorrer para o sustento da casa. Noémia, pelo contrário, embora lamentasse também a sua miséria, nada dizia para não afligir o velho pai, a quem agora, mais que nunca, rodeava de carinhos e atenções, incessantemente trabalhando em costura para fora, de maneira que nada faltasse ao pobre velho.

Mas uma ocasião, num inverno de crise terrível, faltou o trabalho e por mais que a infeliz menina procurasse, ninguém lhe dava que fazer! Já a fome, — que é assim a modos uma velha muito feia e muito magra — ameaçava aquele lar, onde antigamente houvera tanto luxo e fartura...

Noémia lembrou-se, então, de mandar vender o vestido de que tanto gostava e que por suas próprias mãos bordara, pacientemente, durante aqueles anos de despreocupada felicidade. E, com muitas lágrimas, despediu-se do seu rico vestido, que tanto trabalho lhe dera a fazer, e entregou-o a uma vizinha, recomendando-lhe que corresse diversas casas e o deixasse onde melhor lh'o pagassem.

A boa mulhersinha assim fez e à noite regressou a casa, contristada, pois apesar de ter corrido toda a cidade, em toda a parte lhe diziam que o vestido era realmente muito lindo, mas o pior era que nenhum comerciante tinha freguesas que quizessem comprar e usar tamanha maravilha...

Noémia chorou, porque estava aflita e sem dinheiro. Chegou a arrepender-se de ter perdido tanto tempo a bordar uma obra que, por ser tão rica, todos achavam sem venda e inútil! A vizinha, porém, que tinha bom coração e ficou condoída da aflicção da pobre menina, disse-lhe que não chorasse, porque no dia seguinte ela própria iria oferecer o vestido ao Palácio da Rainha, que, segundo constava, tinha o filho único para casar, muito breve, com uma princesa estrangeira. E como a Rainha era pessoa de bom gosto e não olhava a despesas, talvez lhe agradasse aquele presente, para ofertar à noiva do Príncipe.

No dia seguinte como prometera, a bondosa velhinha apresentou-se às portas do Palácio Real, pedindo licença aos guardas para mostrar a sua Magestade, aquele magnífico



trabalho. Não a queriam deixar passar, mas ela insistiu tanto e aconteceu, por acaso, ir a entrar com a sua comitiva o jóvem Príncipe, que, dirigindo-se aos guardas, perguntou o que desejava aquela mulhersinha. Eles explicaram-lhe a pretensão da velha e o Príncipe, que era muito bondoso, autorizou-lhe a entrada e ele próprio foi logo avisar a

(Continua na página seguinte)

Continuação do conto «O VESTIDO DE NOIVADO»

Rainha sua Mãe. Diante da Soberana e da sua brilhante côrte de damas de honôr, mostrou a velhinha o deslumbrante vestido. A Rainha ficou logo encantada com tão artístico e maravilhoso trabalho e entre os elogios e louvores das damas, que diziam nunca terem visto obra mais perfeita e mais rica, adquiriu-o por bastante dinheiro.

Foi-se embora, radiante com o preço da venda, a visinha de Noémia, enquanto a Rainha corria a chamar o filho para lhe mostrar o lindíssimo presente, que destinava à sua noiva. O Príncipe também ficou maravilhado e não se cansava de admirar e contemplar o extraordinário bordado, elogiando a habilidade rara da autora daquela obra de Arte.

Vem a propósito dizer aqui, que o Príncipe não estimava grandemente a Princesa que lhe destinavam para esposa e que, por ser dum outro Reino distante, só uma vez tinha visto. Não se admirem, pois, os meninos, do grande desejo que o Príncipe mostrou à Rainha de querer ver e conhecer a desconhecida autora do formoso vestido.

E a Mãe, que era estremosa por aquele filho único e que dentro em breve devia ser coroado Rei, não soube negar-lhe o pedido que, com tanto interesse, elle lhe fazia e ordenou que salssem inculcas para procurarem por toda a cidade a misteriosa bordadeira.

No entanto, no seu Palácio, o Príncipe passeava impaciente, correndo de vez em quando à janela, para ver chegar os criados que saíam em busca de Noémia, que já o Príncipe idealizava extremamente formosa e gentil.

Porém, só ao fim de três dias de extenuante procura é que os págens fôram dar à humilde casinha, onde Noémia, modestamente, vivia com a família. Fizeram-na sciente do desejo do Príncipe e logo a obrigaram a acompanhá-los ao Palácio.

A pobre menina lá foi, muito tímida e receosa e quando apareceu diante da Côrte reunida, mais confundida ficou, deslumbrada com o brilho e o luxo de que se via rodeada. Mas o Príncipe, saindo do seu trono de oiro, e achando a menina mais bela e encantadora do que a havia sonhado, correu ao seu encontro e, beijando-lhe a mão, logo ali declarou à Rainha e a toda a Côrte presente, que era aquela afinal a única esposa que o seu coração escolhia!

A mãe consentiu no casamento, desfazendo-se imediatamente o contracto com a Princesa do outro Reino distante...

O Príncipe não deixou Noémia sair do Palácio e para lá mandou seguir também, imediatamente, o velho arnador, que chorava de felicidade, e as duas irmãs, que mais tarde vieram a casar com dois jôvens e valentes guerreiros da Côrte. Passados dias, realisou-se com toda a pompa o casamento de Noémia com aquele príncipe belo e bondoso, levando a menina à Igreja o magnífico vestido de noivado, que com tanto amor e carinho por suas mãos bordára.

F I M

CORRESPONDENCIA

Mário da Cruz Almeida. — A tua história não está másinha. As adivinhas não servem.
Um grande abraço.

Abel Pereira da Siloa. — Muito linda a tua história-sinha. Vou ilustrá-la.
Estás de acordo?
Com respeito às charadas é que é impossível pelo menos por enquanto.

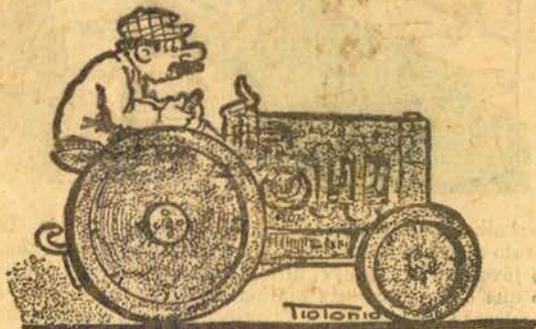
Fernando Ferreira Duarte. — Está esplendido o teu sinaleiro.
Veremos o que se lhe pode fazer.

Suzana B. Martins e Arminda Martins. — Para compensar a vossa boa vontade, estou disposto a ilustrar uma história que não seja copiada pois que as anedoctas que tem enviado são conhecidas.
Valeu?

Manuel José de Carvalho. — Há quanto tempo já terminou o concurso!!
Colaboração, pode mandar quando quizer.

Maria Rosa Résedd. — O sr. Santa-Rita deseja escrever-lhe.
Envie a direcção de Penacova. TIOTONIO

HORA DO RECREIO



UM TRACTOR

Meus amiguinhos

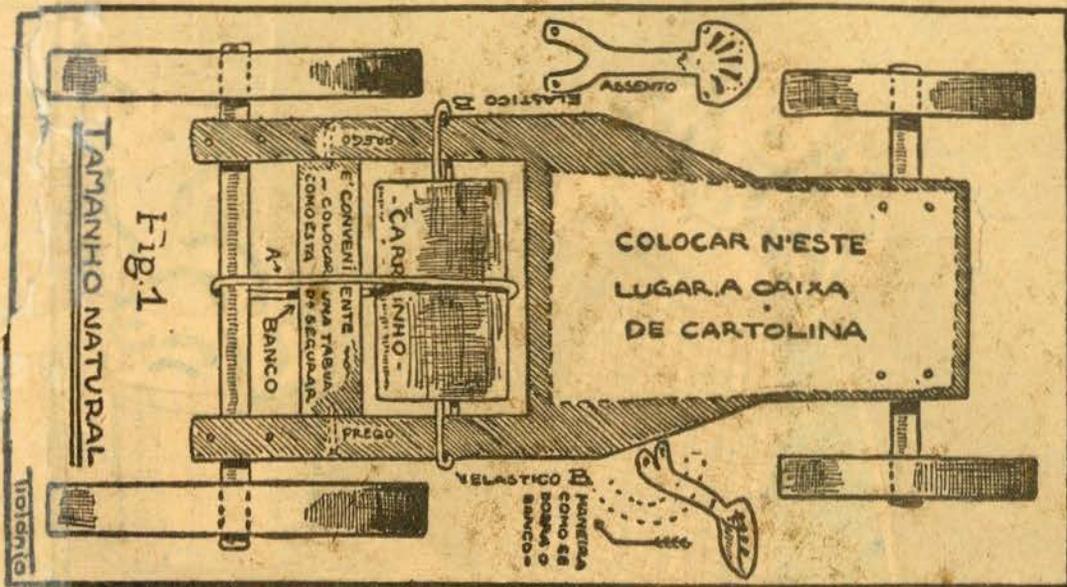
Á falta de melhor coisa vem hoje um tractor, movido com elásticos e carrinhos de linhas vasios, grandes auxiliares das nossas enghocas.

Esta enghoca, como poderão ver, é um pouco difficil e complicada.

No entanto, tentarei explicá-la o melhor possível, de modo a que todos a façam. Valeu?

MATERIAIS

- 1 ou 2 carrinhos de linha, vasios,
- 2 ou mais elásticos em arco,
- Cartolina ou cartão fino,



- Um pedaço de madeira fina, no feitio indicado na gravura. (fig. 1).
- 2 rodas grandes e 2 mais pequenas, de madeira ou cartão.
- 2 pausitos que servem de eixos.
- 2 ganchos de cabelo ou arames, etc., etc.

MANEIRA DE CONSTRUIR

- 1.º -- Corta-se a taboinha que serve de «chassis».
- 2.º -- Fazem-se uns cortes pequenos no carrinho, que se coloca no lugar que lhe é destinado.
- 3.º -- Põe-se o elástico (A) que serve de correia de transmissão.
- 4.º -- Passando pela parte trazeira do carro e por dentro do elástico A, mete-se o B, de forma a que fique o carrinho entalado, e seguro pelo mesmo, no sitio dos cortes de que acima falo (veja-se a fig.).
- 5.º -- Tapando o carrinho e o elás-

tico B, mas ficando por dentro do elástico A, cola-se um cartão forte (fig. 2).

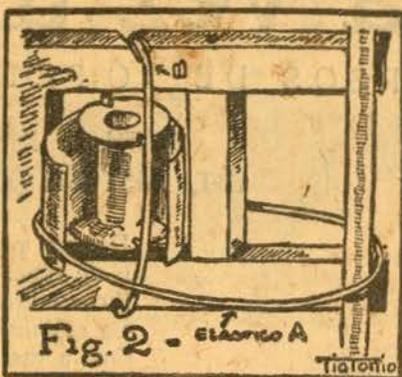
- 6.º -- O eixo das rodas trazeiras fica por dentro do elástico de transmissão (A), de modo a que, quando o carrinho anda, esse movimento seja transmitido às rodas a que pertence, e o resto fazem segundo o automóvel que ultimamente publicámos tendo em vista as proporções ou como mais gostarem.

OBSERVAÇÕES — Para que as rodas trazeiras não resvalem, podem, querendo, fazer-lhes uns pneumáticos, com um elástico que as rodeie apertando bastante.

Com um carrinho tem o tractor muita força, mas se for feito com dois, isso então nem se fala...

Aceito e agradeço qualquer ideia que tenham. Basta escrever um postal para o

Vosso pacientissimo TioTónio.



UMA HISTÓRIA VERDADEIRA

(CONTINUAÇÃO DA PAGINA 5)

Tinha recuperado a vista; a mãe de Deus atendera a sua prece!

Um mensageiro correu a levar a boa nova ao campo de batalha, onde o Conde Tiza, e João Carvin acabavam de ganhar uma brilhante vitória.

Em rijo galopar voltaram os vencedores, e João, louco de alegria, veio depor aos pés de sua noiva, os loiros da glória. Breve foi, porém, a alegria que reinou no castelo.

Com celestial luz a fulgurar nos olhos miraculosamente sarados, Sava disse ao Conde e ao cavaleiro que fizera o voto de se consagrar ao Senhor, caso a mãe de Deus a curasse.

Os valentes guerreiros ficaram esmagados sob tão dura cruz, mas profundamente crentes, aceitaram-na reverentemente, e o véu de noivado cobriu o corpo airoso da castelã, no dia da profissão religiosa.

O cavaleiro João chorou lágrimas de sangue, na solidão em que se refugiou por três dias, e quando reapareceu aos seus companheiros de armas, fios de neve alvejavam na cabeleira negra e a face envelhecera anos.

Sem nada que o prendesse ao mundo, o bravo cavaleiro bateu-se como um leão, na luta cada vez mais acêsa entre cristãos e turcos, e no mais duro da refrega, elevava-se sempre o seu pendão como o sinal da vitória.



Termina no próximo número.



Era uma vez um sapo

VERSOS DE TÓ-PETO

PARA A MINHA IRMÃSINHA MARIA,
ESTA HISTÓRIA DUM SAPINHO TRAQUINAS.

Era duma vez um sapo,
Sapinho sarapintado,
Chamado
Serapião:
Sapinho bonito e guapo,
Que se fôsse bom sapinho,
Não tinha morrido assado
— Coitado! —
Todo queimado
No fundo dum caldeirão.
— Pobre sapo, coitadinho! —

Uma vez Serapião,
Que vivia num jardim
Cheio de rosas bonitas,
Com canteiros de alecrim,
Vasos de mangericão,
Muitas flores exquisitas,
Dum cheirinho de encantar,
Quiz entrar
Numa formosa cosinha,
Que tinha
Uma feia cosinheira,
Que já fôra regateira,
Malcriada,
(Destas que vendem pepinos,
Que fazem mal aos meninos
E servem para salada)
Lá na Praça da Figueira.

Deu um pulo,
E de repente
Ficou mesmo frente a frente
Da cosinheira, que má
Com a vassoira e a pá
Pega néle (todo a tremer!)
E atirava o pobre bichinho,
O triste sapo-sapinho,
Num tregeito muito fulo,
P'ra dentro de água a ferver.

E sem um ai, sem um grito,
Morreu nêsse caldeirão,
O sapinho tão bonito
Chamado Serapião.

Meus meninos e meninas,
Se não fôsse tão traquinas
O sapo sarapintado,
Chamado
Serapião,
Não tinha morrido assado
— Coitado! —
Todo queimado
No fundo dum caldeirão.

E' sempre máu ser traquinas,
Meus meninos e meninas.

Coimbra, Setembro de 1926.